

No bosque da ficção

O Grupo de Pesquisa História e Literatura nasceu em maio de 2016, a partir de uma iniciativa de um conjunto de estudantes do Programa de Pós-graduação em História Social da USP. De lá para cá – seis anos – o Grupo incorporou alunas e alunos de outras universidades e se tornou incrivelmente plural.

O que o une, à primeira vista, é a disposição comum de pesquisar e discutir os fios que ligam a história à ficção e a porosidade dessas duas áreas de produção narrativa. Mais o que o une profundamente o Grupo é algo maior e mais extenso: uma concepção de conhecimento sempre móvel, sempre pronto a ultrapassar os limites impostos ao pensamento.

Outro elemento de união do Grupo é a preocupação com o respeito, a seriedade e o rigor – marcas essenciais da produção intelectual que também exigem capacidade de perceber a voz alheia e inquietação ininterrupta com o próximo, o diferente, aquele que pensa coisas distintas e de forma distinta. Não poderia ser diferente: só se rompem barreiras disciplinares e se exploram conexões se houver capacidade de ouvir, repensar e mudar.

É por isso que as reuniões do Grupo acolhem todos que delas querem participar e rejeitam qualquer forma de hierarquização interna; as relações horizontais prevalecem e as diferenças são valorizadas. É por isso que o I Seminário do Grupo, ocorrido de forma presencial em 2019, trazia, já no título, a ideia de diálogo.

Dois anos depois, o II Seminário, organizado e realizado de forma totalmente remota, partiu da metáfora criada por Borges e desenvolvida por Umberto Eco: “um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam”.¹

E prosseguiu o semiólogo italiano:

Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção.²

Para Borges e para Eco, bosque, jardins e bifurcações compunham um conjunto de referências ao trabalho de escrita e leitura – o ofício essencial de quem se dispõe a refletir sobre as margens da história e da ficção.

¹ Umberto Eco. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 12.

² Idem.

Para quem vivia o estranho ano de 2021, no entanto, a figuração ganhava mais, e piores, sentidos. Vivíamos isolados, todos os caminhos pareciam fechados, os encontros eram impossíveis. O tempo parecia parado, mas corria acelerado. Tempo de hesitação, tempo de ambiguidades. Tempo de opções ininterruptas, que atravessavam a vida cotidiana e mostravam, a quem havia esquecido, que a vida é também uma opção, é o resultado de decisões. Tempo que deixou claro que as raras saídas para os impasses profundos vêm das ciências e das artes: foi a ciência, afinal, que permitiu que voltássemos a encontrar e a encontrar caminhos; foi a arte que justificou o cotidiano de quem precisava proteger e se proteger.

*

Ao caracterizar a relação entre o mundo em que vivemos nosso cotidiano e o mundo da ficção, Eco recorreu a outro tipo de metáfora:

Temos de admitir que, para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real. Em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo. Isso significa que os mundos ficcionais são parasitas do mundo real.³

Ele não pretendia, porém, que continuássemos iludidos em relação ao que temos o costume de considerar como “realidade” e confrontou o leitor: “Estamos seguros de que nossa noção de verdade no mundo real é igualmente sólida?”⁴ Em seguida, constatou que o princípio de verdade articula-se ao princípio da confiança e que os bosques por onde andamos misturam, infalivelmente, realidade e fabulação: a nós cabe escolher o caminho a ser seguido para que alcancemos nosso destino.

Podemos, entretanto, não tomar nenhuma direção definida. Podemos pleitear o infinito de cada passeio e prolongá-lo indefinidamente; continuar a vagar pelo bosque, explorar seus confins, fazer nosso caminho ao andar e compreender que nenhuma forma narrativa existe em si ou dissociada de outros processos de significação.

Os textos que você, leitor, encontrará nesses Anais Eletrônicos foram apresentados no II Seminário do Grupo. Cada um deles sugere um caminho e o convidam a, mais uma vez, perder-se nos bosques que embrenham a ficção e a história.

Júlio Pimentel Pinto

³ Idem. p. 89.

⁴ Idem. p. 94.